

A mística na experiência de vida das mulheres agricultoras

Liria Ângela Andrioli*

Walter Frantz**

Introdução

O presente texto¹ é um recorte da Tese de Doutorado em Educação nas Ciências defendida na Unijuí por esta pesquisadora. Tem por objetivo aprofundar a temática da mística e refletir acerca do significado da mesma na vida das mulheres agricultoras. A pesquisa empírica amparou-se no Movimento de Mulheres Trabalhadoras Rurais - MMTR do município de Santo Cristo, situado na Região Fronteira Noroeste do RS. Essa organização surgiu na década de 1980, envolvida em um contexto sindical e com influências das pastorais sociais ligadas à Igreja Católica, consolidada, principalmente, pelas lutas em prol do reconhecimento da profissão da mulher agricultora. A pesquisa é de natureza teórica e empírica, com tratamento qualitativo dos dados “onde a preocupação do pesquisador não é com a representatividade numérica do grupo pesquisado, mas com o aprofundamento da compreensão de um grupo social, de uma organização, de uma instituição, de uma trajetória, etc.” (GOLDENBERG, 2003, p. 14). Foi desenvolvida mediante observações em encontros, entrevistas semiestruturadas² e busca bibliográfica em acervos do Sindicato dos Trabalhadores Rurais local.

Cabe salientar que é nos espaços de encontro das mulheres e vivência em comunidade que se percebe como a mística as envolve de uma maneira profunda já que propicia uma reflexão pessoal, intrínseca, ao mesmo tempo em que traz à memória as vivências e os trabalhos árduos vividos na agricultura pelas gerações que as antecederam. O presente trabalho, portanto, busca refletir acerca da influência da

* Professora da UFFS Campus Laranjeiras do Sul/PR. Graduada em Filosofia. Mestre e Doutora em Educação nas Ciências pela Unijuí. Integrante do Grupo de Pesquisa Direitos de Minorias, Movimentos Sociais e Políticas Públicas da URI e do Grupo de Pesquisa em Educação do Campo, Cooperação e Agroecologia da UFFS. Coordenadora do Grupo de Estudos de Gênero na UFFS/LS.

E-mail: liria.andrioli@uffs.edu.br

** Professor orientador. Doutor em Ciências Educativas pela Westfälische-Wilhelms Universität Münster (Alemanha). Professor do Programa de Pós-Graduação em Educação nas Ciências, da Unijuí.

E-mail: wfrantz@unijui.edu.br

¹ Este texto foi apresentado no Seminário Internacional Fazendo Gênero 12.

² A pesquisa teve respaldo e aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa da Unijuí.

mística na vida das mulheres agricultoras na perspectiva de experiência de vida, num movimento de luta e de resistência.

A mística das mulheres em movimento

A mística tem um significado profundo na vida das mulheres agricultoras de Santo Cristo. O conceito se aproxima do mistério do sentido de viver e, por isso, a mística impulsiona a luta das mulheres. É a arte da reflexão acerca das dificuldades e o ânimo das lutas cotidianas. É a transformação de olhares e de concepções de mundos. É a tradução de um inédito-viável que vislumbra no horizonte perspectivas de mudança de vida e no cotidiano de luta das mulheres. De acordo com Gebara (1989, p. 916), a mística é

uma espécie de energia vital que leva a agir a partir de uma motivação fundamental, a partir de um certo número de valores dos quais não se pode abrir mão sem o risco de perder a própria vida. Não tem necessariamente caráter institucional, não tem escola nem mestre e nem discípulo eleito. Expressa a transcendência da vida, existencialmente e independentemente da pressão de conceitos.

Essa energia vital é o que dá ânimo para as mulheres seguirem na luta por direitos e pela sobrevivência. A mística, assim, pode ser entendida como uma expressão coletiva de transcendência espiritual que motiva, une e fortalece o movimento. É nos momentos de celebração, de encontros, que a mística revela a sua importância e os seus propósitos. *“Sempre começamos o encontro com uma mística, uma oração, porque em primeiro lugar está a fé das pessoas, das mulheres”* (ENTREVISTADA 7). De modo geral, esse momento está presente no início ou no final de um encontro organizado pelas mulheres e quase sempre vem carregado de memórias da vida e do cotidiano de luta na agricultura. Para ilustrar a importância dada pelo movimento à mística, trazemos a fala da entrevistada 1, quando questionada sobre o que mais lhe chamou atenção no encontro de mulheres: *“Pra mim foi muito importante a mística, quando mostraram a carroça de bois. Assim era a nossa vida na roça antigamente. Ia toda a família e as crianças ainda eram pequenas”*.

A fala da agricultora nos remete ao cotidiano, e, principalmente, à vida, muitas vezes sofrida e permeada por dificuldades. É um misto de lembranças e saudades dos tempos que não voltam mais, mas, também, é memória e identidade. Identidade com a terra e com a vida na agricultura. Diferentes símbolos se unem para refletir acerca da vida e do cuidado com a terra. Muitas vezes, são traduzidos em poesias, músicas,

sementes, enxadas, carroça de bois, chapéus, etc. A mística vai além de um simples ritual. “As *místicas* são um elemento integrador e possuem um caráter central de geração da comunidade” (LASSAK, 2012, p. 102, grifos da autora).

Falar em mística implica falar na experiência de vida das mulheres. Experiência de vida é cotidiano e é ação, o cotidiano, em grande parte, permeado pelo laboro da roça e da casa, e a ação explícita na luta política por direitos sociais e culturais. Por isso, a mística envolve a realidade das mulheres como um todo em um movimento de luta pela sobrevivência e, por outro lado, de resistência (LASSAK, 2012). Falar em mística com as mulheres, no entanto, também remete à espiritualidade e à religiosidade. As mulheres do Movimento veem na religião uma forma de reunir forças e de se empoderar e, novamente, vê-se o engajamento social e a importância exercida da vida em comunidade. Conforme a entrevistada 7:

Porque alguns anos atrás, principalmente pela religião católica, quem ia lá e fazia a missa era o padre. Ia lá rezar uma missa e fazia os cantos. Hoje não, hoje o padre vem lá, reza a missa, mas quem faz a liturgia são as mulheres. O coral é puxado pelas mulheres. As preparações pra Natal, Páscoa, decoração da Igreja, também são as mulheres que fazem. Elas estão lá e tomam a frente de tudo. Na maioria das vezes, elas fazem uma mística, levam símbolos. Já o homem, muitas vezes, já tem resistência em participar. As mulheres estão se empoderando, sim. Hoje a Igreja ajuda as mulheres a se libertar, porque no momento em que ela consegue participar da Igreja, ela já saiu de casa e recebe elogios pela participação na vida em comunidade.

A participação na vida em comunidade e na Igreja traz força e faz com que as mulheres se sintam incluídas na sociedade. Além disso, torna-se latente a percepção de uma valorização de cunho pessoal e o surgimento de lideranças a partir da atuação pastoral. Isso fica ainda mais visível na fala de uma animadora, a seguir, por ocasião da celebração litúrgica em um encontro de mulheres: “*Toda essa força para lutar se busca em Deus que está conosco através das sagradas escrituras e tantos textos que nos falam em nossa história, no dia a dia*”. É visível que a religiosidade está expressa nas ações e no cotidiano de vida das mulheres.

A participação no Movimento de Mulheres também as imbuíu de coragem para lidar com as relações conjugais familiares. “No Movimento, eu aprendi que a mulher tinha mais direitos e isso me deu mais coragem para enfrentar meu marido” (ENTREVISTADA 2). Esse enfrentamento significa autonomia e libertação, coragem para reafirmar-se como sujeito, como *ser humana* em um patamar de igualdade em relação aos homens.

“Com o movimento eu aprendi a ser mais persistente nas coisas que eu quero. A convicção aumenta. O movimento fortalece” (ENTREVISTADA 5).

É importante, contudo, levar em consideração que apesar do espaço religioso contribuir significativamente para a afirmação do Movimento de Mulheres, existe um confronto crítico entre a Igreja e os movimentos sociais e, por isso, de acordo com Lassak (2012) é fundamental apontar algumas perspectivas e desafios teológicos-feministas: a) mesmo que a mística seja compreendida de forma independente da espiritualidade ela faz parte de um processo de libertação das mulheres. Desenvolve-se, a partir da mística, uma identidade espiritual singular e característica de temáticas femininas, que critica o patriarcado das instituições religiosas; 2) é preciso considerar que as experiências de vida das mulheres propulsionam novas espiritualidades e dão espaço inclusive às experiências no nível pessoal com Deus. A mística do movimento é descrita como espiritualidade de luta, pois encontra o seu lugar nas lutas e, por meio da resistência, remete a um sonho possível e à esperança de um mundo melhor; 3) as instituições religiosas passam a viver novas formas de comunhão ecumênica. Ao mesmo tempo em que houve uma distância das origens cristãs, também há o fator de que as Igrejas continuam sendo lugares de participação das mulheres. Nesse caso, cabe à Teologia da Libertação a tarefa de mapear essas formas de tradições libertadoras dos ensinamentos bíblicos; 4) é necessário o confronto do significado da mística para com os movimentos sociais para a reflexão da formação das ideologias e as práticas políticas; 5) a partir do confronto, seria possível descobrir novas tradições cristãs e capacitar as mulheres para a (auto)libertação; 6) Teologia Feminista e da Libertação possui desafios: superar as estruturas de dominação injustas, mas, também, modificar as relações nas estruturas sociais, políticas e econômicas e tornar alternativas viáveis de construção de um mundo melhor.

Isso quer dizer que a mística se alimenta de esperanças e possibilidades de transformação da realidade social. “A mística necessita de perspectivas; precisa do olhar no horizonte, no lugar em que fica a utopia que instiga a aproximação dos passos das cansativas marchas” (BOGO, 2012, p. 476). Conforme Bogo (2012), a experiência mística pode, entretanto, manifestar-se de diferentes maneiras: pelas religiões, pelas ciências políticas e pelos movimentos populares. *Pelas religiões, a mística é uma espiritualidade acolhedora que se manifesta de modo contemplativo, em um mistério vivido. Já pelas ciências políticas, a mística tem a ver com as qualidades e habilidades pessoais que estão a serviço do coletivo, do exercício da liderança em prol de mudanças sociais. Por fim, pelos movimentos populares, a mística acontece por meio da cultura, da arte, dos valores e lutas de transformação social. Nesse último, os sentimentos e a afetividade traduzidos pela mística são instrumentos de mudança.* “A mística neste

“caminhar é mais do que o alimento do caminhante; é também a fome que não deixa parar nem dormir enquanto não se chega ao lugar desejado” (BOGO, 2012, p. 477).

Há uma mística que transforma e empodera as mulheres pelo movimento popular. Empoderamento e transformação tem aqui a conotação de ser sujeito. É por meio da participação e do engajamento no movimento das mulheres que a mística acontece e alimenta a coragem de lutar pelos seus direitos e por sua dignidade humana. A entrevistada 4 nos auxilia nessa reflexão acerca do significado da participação no Movimento de Mulheres:

Significa muito. Porque se eu me vejo como eu era antes... Deus me livre! Dá pra dizer, isso trocou de noite para dia. Como de dia é claro e de noite é escuro, assim mudou pra mim. Tive mais coragem de enfrentar, de assumir as coisas. A gente tinha medo do marido, hoje não. Hoje eu tenho a minha ideia, se ele não quer, pode ficar, eu vou. E antes eu não tinha coragem. Se eu não tivesse o Movimento, talvez eu fosse também aquelas que ficam em casa e esperam a coisa pronta do céu. Ou, então, rezar que vai vir um milagre. Milagre só acontece se tu vai em cima e realiza ele. Isso pra mim é milagre. Outro milagre não existe. Se tu luta, acontece.

Nessa perspectiva, a entrevistada 7 também nos traduz a participação no Movimento como uma forma de crescimento pessoal: “Eu me senti mais eu, capaz de fazer as coisas acontecer. Pra mim mudou, porque eu não sou mais aquela pessoa que só sabia criticar as coisas que estavam erradas. Hoje, se eu criticar, eu também vou ajudar a mudar”. É a reflexão acerca do cotidiano, de si mesma que modificou seu modo de ser e agir, e o Movimento de Mulheres atuou como protagonista dessa mudança de pensamento.

A mística transformadora das mulheres em movimento é sinônimo da vida delas, do seu cotidiano e de sua realidade social e cultural. Por meio da mística se denunciam as injustiças, as dominações, mas, também, se celebram a vida, as conquistas e as alegrias da vida em comunidade. Nessa direção, de acordo com Lassak (2010, p. 354-355, tradução nossa):

Há demonstrações de que a mística e as experiências do cotidiano encontram-se em uma relação recíproca. A mística influencia a visão de mundo, a forma de pensar, as ações, a maneira de encarar o mundo, bem como, vice-versa, as experiências cotidianas marcam a mística. As mulheres encontram em si o mistério da vida, que se expressa nas diversas experiências cotidianas, seja na alegria, na tristeza, nas ações políticas, nos ativismos, nos conflitos e nas discussões.

A mística propicia a unidade na luta e também é Educação Popular. É uma prática que vai ao encontro das lutas das mulheres, as fortalece e dá forças para seguir a caminhada. Mística não é apenas espiritualidade, é, antes de tudo, uma espiritualidade aliada à vida, à terra, às identidades e às memórias constituintes dos sujeitos na agricultura. “Mística, em uma perspectiva libertadora, é antes de tudo um elemento que perpassa a prática cotidiana e ela própria, é produzida por sua vez a partir dessa práxis” (LASSAK, 2012, p. 102). Majoritariamente utilizando elementos da natureza ela expressa e fortalece a sua luta pela agroecologia e por um planeta sustentável. Por vezes fazendo-se valer de simbologias, reflete acerca do cuidado de si, do interior e do plano espiritual. A mística não necessariamente se expressa pela linguagem falada, por isso, é muito comum o uso de símbolos, gestos e expressões corporais. As manifestações da arte, da música e do teatro também sensibilizam a reflexão. A mística expressa, assim, modos de vida e de cultura que passam a ser preservados pelas gerações, é um constante processo de formação, ela é vivência, reflexão e energia que fortalece a luta.

Considerações finais

Percebe-se que há uma mística que transforma e que empodera, que as constitui como sujeitos, como *ser humanas*. Para as mulheres, a mística é um caminho de libertação e é por meio dela que elas refletem sobre a vida e sobre suas ações. A mística contrapõe a invisibilidade histórica em que as mulheres se encontravam, torna visível o ser humano mulher que pensa e que se valoriza como sujeito da transformação social, também é Educação Popular, pois se configura como uma prática que vai ao encontro dos anseios das mulheres agricultoras.

Por isso, a importância de refletir sobre a prática e, a partir da reflexão, socializar o conhecimento com as mulheres agricultoras aqui estudadas e propor novas formas de ação transformadora (práxis) nos parece ser uma das premissas fundamentais de contribuição desta pesquisa. A teoria, de modo peculiar, tem seu reconhecimento quando consegue se relacionar com a prática, possibilitando formas de transformação e mudanças de concepções de mundo consolidadas historicamente pela sociedade, a exemplo das opressões das mulheres.

A persistência e a coragem fizeram com que essas mulheres agricultoras se organizassem. Imbuídas por anseios pessoais e coletivos transformaram a organização em um movimento de resistência na luta por uma sociedade mais igualitária para homens e mulheres. Por meio da mística que transforma e liberta, perceberam uma energia necessária à vida, uma espiritualidade dos movimentos sociais.

Sendo assim, é possível afirmar que a mística e a sua vivência em si são ferramentas que temos em nossa sociedade ao se constituírem como mecanismos de mudança para uma condição mais igualitária nas relações de gênero, a exemplo dos movimentos sociais.

Referências

BOGO, A. Mística (Verbetes). In: CALDART, R. S. (Org.). **Dicionário da educação do campo**. Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular, 2012. p. 475-479.

GEBARA, I. Mística e política na experiência das mulheres. **Revista Eclesiástica Brasileira**, v. 49, dez. 1989.

GOLDENBERG, M. **A arte de pesquisar**: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais. 7. ed. Rio de Janeiro: Record, 2003.

LASSAK, S. **Wir brauchen Land zum leben!** Widerstand von Frauen in Brasilien und feministische Befreiungstheologie. Mathias-Grünwald-Verlag: Osfildern, 2010.

LASSAK, S. Comunidades de resistência e libertação - a influência da teologia (feminista) da libertação no movimento de mulheres camponesas. **Revista Caminhos**, Goiânia, v. 10, n. 2, p. 90-109, jul./dez. 2012. Disponível em: <http://seer.pucgoias.edu.br/index.php/caminhos/article/view/2456/1518>. Acesso em: 10 fev. 2021.